ANO 6.º — Sexta-feira, 31 de Outubro de 1913 — NUMERO 295

O DEMOCRATA (AVENÇA)

SEMANÁRIO REPUBLICANO RADICAL D'AVEIRO

ASSINATURAS (pagamento adiantado)

Ano (Portugal e colónias) . . . . 1$20
Semestre $60
Brasil e estranjeiro (ano) moeda forte 2$50
Avulso $02
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO, R. Direita, n.º 54

DIRECTOR E EDITOR — ARNALDO RIBEIRO

Propriedade da Emprêsa do DEMOCRATA

Oficina de composição, Rua Direita—Impresso na tipografia de José da Silva, Praça Luís de Camões

Cumpra o govêrno o seu dever

O ultimo movimento revolucionario — jesuitico-realista — não teve a justifical-o e a enobrecel-o, nem a beleza de um ideal, nem o exemplo de uma organisação, nem a audacia de um heroismo. Não foi um movimento tendente a fazer triunfar nova causa: foi mais uma aventura destinada a manter o estado de perturbação interna e de intranquilidade geral que ha anos se vive no nosso país.

Entretanto, Portugal não póde estar á mercê de agitadores. Precisa de paz, de confiança, de harmonia e de conciliação.

E' assim que se exprime uma das mais nobres figuras na literatura patria, sobre o movimento de 21 do corrente. Comtudo, apezar désta verdadeira analise, são sucessivas as demonstrações dêste bando de aventureiros, e se do seu resultado, não sofre a estabilidade das instituições, resente-se duramente o país em todas as suas manifestações de vida economica e financeira.

Mas quem fomenta éssas desordens criminosas eliminando existencias, provocando fugas, estabelecendo e semeando a dôr, o luto, a miseria em tantos lares?

Quem trama contra a Republica?

São aquêles a quem o regimen expatriou, perseguiu, amesquinhou, sequestrando-lhes suas fazendas, ameaçando-lhes a vida, a familia, o lar?

Não! São os mesmos que, tudo menos patriotas, durante tantos anos pareceram apostados em praticar todos os actos, os mais indignos, em descredito da monarquia.

São os mesmos que por todas as fórmas e processos não fizéram sómente da politica e da administração publica uma vergonhosa exploração, pois se locupletaram com os dinheiros do Estado, cometendo toda a casta de ladroeiras e de falcatruas as mais pérfidas e miseraveis.

São os mesmos que quando a vontade e a soberania populares falaram pela boca das espingardas e dos canhões, esmagados pelo proprio reconhecimento dos seus avultados e miseraveis crimes, fugiram com o seu rei, em várias direções, não tentando sequer defender as instituições que aviltaram, desonrando-as no cometimento dos mais repugnantes e condenáveis actos.

Com que direito, pois, êsses homens, intitulando-se monarquicos, justificam e provocam êstes atentados para o restabelecimento de um regimen que êles, depois de o apunhalar, deixaram sem o mais pequeno protésto sepultar para sempre na manhã de 5 de Outubro?

Em que assenta a reivindicação pretendida? Na má administração financeira da Republica? Nos crimes, nos latrocinios, roubos, espoliações por éla praticadas?

Não — miseraveis! Os vossos esforços estribam-se exclusivamente na vossa insaciavel ganancia, no insofrido desejo de, restabelecida a monarquia, continuardes aquéla época dos *adeantamentos*, ainda que levasseis ao abismo da bancarrota o país, onde fatalmente cairía estrangulado ás mãos do estrangeiro que, violento e brutal, acorreria na defêsa dos seus capitaes.

Morta então por vós ésta Patria querida, que sepultarieis sem dignidade e sem brio, marcada ficaria para sempre com o ferrete da escravidão ignominiosa com que a Historia implacavel amortalha os povos fraudulentos, imoraes, despreziveis.

Não, não; jámais volveremos ás torpêsas passadas.

Podereis mercadejar na sua ignorancia a consciencia vil dos que se vendem arrastados pelo tilintar das moedas que lhes mostraes; podeis seduzir ambiciosos, tentando-os com rendosas recompensas e sedutoras promêssas, mas nada mais conseguireis do que até agora tendes obtido.

Ambiciosos e maus, mantendo em jogo apenas os seus interesses, desligados por completo de qualquer outro sentimento, escudam-se comtudo, os realistas, num aparente amor á monarquia, requintadamente falso, amor que entrando num campo de verdadeiro fanatismo, os leva até á demonstração indiscutivel de uma imbecilidade unica ou de um revoltante cinismo sem igual.

O que êsse famoso conde de Magualde tem dito e referido justifica em demasia a nossa afirmativa.

Mas o que agora exige a nação é, sem duvida, um salutar exemplo, um castigo duro e implacavel.

Alguns dos que a Republica indultou ha dias, restituindo-os á liberdade, de novo foram presos, cumplices na ultima arremetida monarquica.

Aos que néla se estreiaram animou-os, sem duvida, a esperança de que não podendo os aliciadores cumprir as promêssas feitas, o fracasso se liquidaria na probabilidade, quasi certêsa, da demora de bem poucos mezes na cadeia.

A seu tempo todos se mostrariam arrependidos, inconscientes, sem a compreensão da gravidade do acto praticado e as simples multas impostas, pagal-as-ia áquéla *santa senhora* em quem a sua extraordinária caridade cris tã só vê, só ouve e só sente—os pobres presos politicos!!!

Outros, os absolutamente conscienciosos e ponderados nas suas resoluções, contrabalançaram no seu espirito o resultado da tentativa:—o triunfo, que a cegueira da sua paixão permitia aceitar para muitos, como cérto, ou a saída para o estrangeiro impondo-se éla pela fôrça das circunstancias.

E assim temos entre nós um exemplo na pessoa de Jaime Duarte Silva a quem as agruras, o desprendimento de dinheiro e os prejuizos de nove mezes de prisão não moderaram os impetos, antes os acenderam com as cautelas e prevenções que a prática adquirida agorn lhe recomendou!

Eil-o de novo implicado com a maxima gravidade, diz-se, na ultima tentativa e para em tal grau de responsabilidade envolver-se, sem duvida que no seu espirito estava inabalavel e decididamente arreigada a certeza do triunfo. E como tal triunfo não seria festejado, se mais uma vez não fossem gorados os planos realistas!...

Chegâmos já a ter dó dêle. Da loucura déssa gente, que de aventura em aventura só consegue prejudicar-se, enterrando-se com a monarquia que não soube ou não quiz defender no momento proprio.

Mas a hora presente não é para sentimentalismos que a impenitencia dos criminosos tantas vezes tem fruido.

O país tem uma vida nova a refazer, energias a aproveitar, um destino historico a cumprir.

Pactuar por qualquer fórma com aquêles que criminosamente perturbam éssa taréfa, atenuar as suas gràves responsabilidades, preparando-lhes a impunidade, é crime bem mais melindroso e grâve do que aquêle por êles cometido.

Ao govêrno impõe-se o dever imperioso e inadiavel da rapida, sumária e dura punição de todos os culpados, sem sombra sequer do mais insignificante sentimento de piedade ou de perdão.

Não o merecem os bandidos reincidentes no cometimento, cada vez mais perigoso, das suas investidas.

Cumpre aos homens do govêrno liquidar de vez, sem preocupações ou pieguices, ésta situação que apenas se reflete, já agora, deprimente, nos dirigentes da nação.

A continuação déstes factos é que se não póde tolerar.

Os defensores da paz e do trabalho tem o direito de exigir a ordem e a tranquilidade, sem as quaes a vida das nações não existe.

Cumpra rigorosa e inflexivelmente o govêrno o seu dever.

CONVITE

São convocados os membros efectivos da Comissão Municipal Politica do Partido Republicano Português a reunirem no proximo domingo nas salas do Centro Escolar, pelas 14 horas, afim de serem tratados assuntos urgentes e da maior importancia.

Aveiro, 30 de Outubro de 1913.

O secretario

Antonio Felizardo

Finanças

Anuncia-se para bréve a publicação, no *Diario do Govêrno*, das contas do ano economico findo as quaes em vez de 111 contos, acusam um saldo positivo de 167, excedendo assim os calculos feitos pelo eminente financeiro, sr. dr. Afonso Costa.

E' para notar que quando da apresentação das contas provisorias com o *superavit* de 111 contos, não houve doestos que por parte de alguns adversarios do govêrno lhe não fossem dirigidos com o manifesto intuito de prejudicar o proseguimento da obra grandiosa que se vem realisando, chegando a cegueira de determinados, que se não fosse a Republica nunca passariam duns badamécos parasitários, a aventar hipoteses disparatadas que cértamente não ficarão sem resposta condigna no relatorio que ao país vai ser presente. E—quem sabe?—ás vezes póde ser que nos enganêmos. Afonso Costa está muito acima das suspeições com que o pretendem atingir e é aí talvez que o despréso vença a indignação que lhe déve ter causado o berreiro feito á róda do seu nome.

Se nem todas as vozes chegam ao céu...

LIÇÃO DOS FACTOS

João de Menezes, num dos seus recentes artigos da *Lucta*, inspirados nos sucéssos dos ultimos dias, diz com aquéla clarésa que é uma das principaes caracteristicas dos seus escritos:

. . . .

«A Republica para se defender conta—e não aceitaria outras—exclusivamente com as suas proprias forças, com forças portuguêsas. E, porque assim sucéde, os que desejam que a Republica se mantenha dévem, em todas as circunstancias, considerar que só a acção legal póde ser usada nas luctas politicas dentro do regimen e isto porque, toda a acção ilegal, toda a acção violenta, será sempre um pretexto para a acção revolucionaria dos monarquicos que, desde 5 de Outubro, *sempre*, mais ou menos ostensivamente, andaram envolvidos em tumultos, arruaças e em conspiratas que, sendo grotescas, nem por isso deixaram ser odiosas. Se a paixão, embora sincéra, o despeito ou a profunda estupidez de cérta gente não lhe permitiram vêr o logro em que caíu, nem as consequencias gravissimas do seu procedimento no que respeita á conservação e ao prestigio da Republica, parece-nos que a lição dos ultimos acontecimentos lhe deve ter aberto bem os olhos.

O fracionamento do antigo partido republicano em novos partidos foi natural e foi logico. Entretanto não nos parece que se tornasse obrigatorio a êsses partidos descerem a imitar os partidos monarquicos, cobrindo de improperios ou denunciando ao povo, como *mau republicano*, todo aquêle que, não sendo da sua grei, e exactamente por ser republicano se julga no direito de exprimir honéstamente, o seu modo de vêr politico. Isso era bom no tempo da Monarquia. A moral dos partidos monarquicos, todos o sabem, era considerar como acto virtuoso a maior infamia dos correligionários e uma infamia qualquer acto honésto dos adversários. Nós bem sabemos como nos aproveitámos das luctas entre êles para abrirmos brecha na Monarquia. Ora quando, entre republicanos, o partidarismo sobrelevar ao republicanismo, os monarquicos farão o mesmo que nós fizémos.

Doutorices, conselheirices, hão-de dizer-nos. Digam o que quizérem—os que se encontram no govêrno ou os que se encontram na oposição—pois por mais que digam não conseguirão negar a evidencia dos factos.»

Somos da mesma opinião. E' preciso acabar de vez com êsse degradante espectaculo que nos vem sendo dado por aquêles da mais cotádos republicanos historicos de Lisboa. O que se tem dito na imprensa e nos comicios com o fim exclusivo de derrubar o govêrno, é intoleravel. Não honra a Republica e só faz crear alentos aos monarquicos para preparárem aventuras como as que tivéram logar em agosto e outubro de 1911, em julho de 1912 e a 21 déste mez, isto afóra as desordens sindicalistas a que se tem de pôr imediato côbro sob pena de não darmos um passo por falta de tranquilidade e uma crise pavorosa subverter o país, como ha exemplos noutras nações.

Juizo e tino ou então...

Numeros comemorativos

Recebemos do Rio de Janeiro e Shanghai, respectivamente, o *Portugal Moderno* e *A Rotunda*, orgãos da colonia portuguêsa nos E. U. do Brazil e na China, que no dia 5 do corrente apareceram á luz em edição especial comemorativa do advento da Republica luza.

O primeiro contém 32 paginas de grande formato dentre as quais se destacam algumas com magnificas ilustrações alusivas a assuntos que a gloriosa data fixou e o segundo traz, em *separata*, o retrato do venerando presidente Arriaga, isto além da colaboração, que é variada e escolhida.

O *Democrata* significa aos dois ilustres confrades o quanto lhe é grato vêr estas manifestações de acendrado patriotismo.

Uma magestade

Artigo de Victor Snell publicado no jornal *L'Humanité*, de Paris:

«Quando ha tres semanas o joven Manuel de Portugal se casou, alguns jornaes tivéram a afectação singular e persistente de dar a D. Manuel o titulo de *magestade*. Ainda mais, viu-se a *Ilustration* dar á joven princêsa de Sigmaringen este inesperado titulo: *Sua magestade a rainha!* Ha pessoas para quem os factos nada valem, dando um traço sobre as paginas da historia que lhe desagradam. *A Revolução Portuguêsa? A Republica Portuguêsa?... Não conhecemos!... Falem-nos do rei Manuel...* E talvez se fale muito! Eis que logo após o casamento a princêsa, sua mulher, é obrigada a recolher a um hospital! Sim, num hospital e ha motivos para crêr que a sua doença é apenas diplomatica como se póde concluir de um telegrama, de Munich, publicado nos jornaes, que diz: *A princêsa teria declarado á sua entourage que em caso algum voltaria a viver com seu marido.* Poderiamos entregar-nos a diversas suposições sobre o motivo déssa separação. E' suficiente registar os factos para se fixar mais uma vez a moral déssa *magestade* a favor de quem se adultera a historia contemporanea. Em resumo, esse rei ilustrou-se de tres modos: 1.º pelas suas relações galantes com uma artista de *music-hall*; 2.º fugindo como um coelho no momento da revolução em Lisboa, sem fazer um gesto para se segurar ao trôno; 3.º casando-se, mas sendo abandonado tres semanas depois por sua mulher, doente de uma afecção misteriosa que parece não ser uma afecção conjugal. Este especimen de *magestade* é muito interessante para contemplar numa época em que as pessoas de merecimento julgam dever professar o realismo.»

E ainda Victor Snell não sabe uma coisa: é que ha *talassas* tão estreitamente ligados, por *snobismo*, está claro, á extinta realêsa, que até ao falarem na *magestade* léavm a mão ao chapéu...

Fortes palermas!

Condução de malas postaes

A contar de ámanhã, 1 de novembro, começará a ser feita pela linha férrea do Vale do Vouga a condução de malas do correio para as diferentes localidades por éla servidas o que sem duvida constitue um grande beneficio.

Continuando

Meu bom amigo

Sem retroceder e procurando nas paginas da historia novos argumentos para comprovar o que aqui sobejamente já demonstrámos, os factos ocorridos no país durante a semana finda vêm oferecernos uma grande prova justificativa de quanto temos avançado quando apontâmos como o maior inimigo da humanidade o clericalismo— o clericalismo ultramontano que é o jesuitismo de hoje.

Sob a blusa do alucinado filho do povo, sob o peitilho luzidio do ganancioso burguês, sob a lustrosa sobrecasaca do empavezado aristocrata e até sob a fardéta e o dolman dos que falsearam miseravelmente a sua liberrima adesão dada ao regimen; sob o vestuario de todos que, arrastados por tão variado tumultuar de sentimentos, se arremessaram mais uma vez néssa condenavel quanto absolutamente inviavel tentativa contra as instituições, foi encontrado o estigma da verdadeira proveniencia—o rosario, o bentinho, a reliquia!

Em taes distintivos está a origem da verdadeira força propulsora que arremessou êsses homens para o abismo, onde os seus *pastores* se não deixaram caír voluntariamente.

De toda a parte nos surge, como alma negra déssa misera torpêsa, a face lustrosa do servidor da seita, consciente ou inconsciente, preparando o crime, aqui como paroco da freguezia, acolá como conego, abonando mensalidades para a perpetração de determinados assassinatos, além espalhando falsos documentos com infamissimas determinações atribuidas á autoridade superior do distrito, etc.

Por toda a parte a sotaina, envenenando, arrastando, mentindo.

Cabe muito bem reproduzir aqui as considerações justas e verdadeiras que encontrâmos no relatório apresentado quando da ultima incursão, pelo tenente do exercito Henrique Peres Monteiro. Assuas considerações são mais uma absoluta justificação das nossas afirmativas e espelham cintilantemente a rigorosa verdade que éstas cartas encerram.

«Falei ao abade de Vilar de Perdizes. Disse-me que o culpado da recéção entusiastica ao bando de Couceiro, incluindo os canticos religiosos, fôra o José Amador. Obtemperei-lhe que poderia ter preparado os espiritos dos seus freguezes pela influencia que o padre exerce, aconselhando-lhes ordem e trabalho; respondeu-me que algumas vezes aconselhára a que se não importassem com questões politicas e que Deus de todos cuidaria, mas que era pouco ouvido por estar ha pouco na terra e que

outras pessoas influiam sobre o seu animo, afirmando-lhes que a Republica era incompativel com a religião. Soube depois que os abades das freguezias de Meixide e Gralhas, hoje fugidos em Espanha, eram dois reaccionários educados pelos jesuitas.

Os padres implicados neste movimento jesuitico-realista, como os padres Julio, de Ruivães e Domingos, de Cabeceiras e outros, são antigos discipulos dos jesuitas, padres novos, ilustrados, mas muito diversos daquêle pastor de almas, ingenuo e bom, o velho reitor, que só pensava na felicidade dos seus freguezes, que sentia as alegrias e amarguras do povo e que era o seu conselheiro dedicado e leal.

Encontrei, talvez, um abade—o de Paradéla—homem de meia edade, padre honésto, tolerante, mas que só ambiciona viver na sua terra, não enraizando, portanto, na freguezia que pastoreia, as amizades que o seu espirito bom inconscientemente cultiva.

E' espantosa a influencia jesuitica nésta região!

Trabalhou ás claras, em completa liberdade, durante trinta anos ou mais. O bom padre da aldeia, de espirito pouco ilustrado, mas de alma tão limpida como a agua das suas montanhas, sofrendo resignadamente as injustiças do mundo, respeitado de todos, procurando minorar a sorte dos seus freguezes, conselheiro afavel e judicioso, tendo sempre a malga com um caldo bem quente para o viadante que passa de pés a gotejar e extenuado, êste padre que nós antevemos em cada aldeia do Minho, não existe já hoje.

O abade de agora é completamente diverso.

O jesuita, entrando nos seminários (éssa evasão teve logar em 1886, podemos acrescentar) educou os seus alunos, hoje padres, á semelhança da sua alma negra. O abade de agora não fórma o caracter dos seus freguezes orientando-os no caminho do Dever e da Honra; não aconselha a resignação, inocula-lhes o odio, deforma-lhes as almas, mente-lhes, apresentando um Deus terrivel, iracundo, sempre pronto a castigar aquêles que lhe não obedeçam, por isso que o padre lhe fala em nome de Deus.

Não aconselha—impõe a sua vontade.

Hoje são as mulheres que seguem os abades.

Os homens veem nêles ainda o sr. Reitor, aquêle padre bom e simples, que seus paes lhe ensináram a respeitar, aquêle velho venerando que trazia sempre nos labios uma palavra de conforto e resignação, que acariciava as creancinhas e levava a paz aos lares; ralhava com brandura, até com ternura; ia arrancar ao jogo e ao vinho e trazia para a lareira acariciadora o homem que na taberna se esquecia da familia.

O abade de hoje nada disto faz. Pretende exercer a sua influencia, não por actos bons, mas com palavras decoradas. Lê livros em logar de penetrar almas. Obsecado por um sentimento—o odio terrivel—arrasta, não se insinúa.

. . . .

Em Gralhas, o abade saíu de manhã e constando-lhe a aproximação da nossa cavalaria, fugiu para Espanha—San Millan.

Este abade obrigou o povo a esperar o bando rebelde. Chegado êste, abraçou Paiva Couceiro, erguendo vivas e pretendeu dizer missa em acção de graças, o que Couceiro não consentiu por falta de tempo.»

E' assim. Por toda a parte a negra reacção na sua secular tenacidade, entravando inutilmente a marcha magestosa do progresso e da civilisação!

A' religião cristã mataram-lhe a sua purêsa. A que hoje se propaga é aquéla toda de embuste, de mentira, de falsidade.

A sua grandêsa moral e sã, retemperando a alma e enaltecendo o espirito, desapareceu, para ser hoje, nas mãos dos sicários, que se intitulam seus ministros, a arma de interesses, de exploração e de vilêsas.

O grande escritor alemão W. Ostivald, no importante jornal *Berliner Tageblatt*, publicando um estudo sobre o caracter das raças europeias e salientando os respectivos temperamentos manifestados nas evoluções e revoluções politicas que éssas mesmas raças produzem, estabelecendo paralélos e fazendo confrontos, escreve:

«A razão désta diferença que assinalâmos consiste em que na Italia, pelos azares da Historia, deu-se uma separação radical entre a monarquia e o catolicismo internacional, que o Papa representa.

Por exigencias sentimentaes de toda a nação foi necessário estabelecer em Roma a capital politica da Italia unificada e daí a manifestada e irredutivel oposição entre o papado e a realêsa.

Désta maneira, como a monarquia italiana não poude apoiar-se, segundo o uso tradicional, no catolicismo, teve de escolher outra possibilidade propria dos tempos modernos, apoiando se nos anélos de melhoramentos das grandes massas adquirindo um marcado caracter democratico.

A experiencia de mais de quarenta anos ensina-nos que efectivamente, nos paises latinos, a monarquia democratica é uma fórma de administração pública que oferece probabilidades de duração, emquanto que, pelo contrário, a historia do ultimo seculo demonstra como uma monarquia especifimente catolica, cedo ou tarde, está fatalmente condenáda a morrer.

A causa descobre-se facilmente pois o catolicismo, apesar de ter o seu centro na Italia é absolutamente internacional e portanto a sua tática consiste, como demonstra a historia de muitos seculos, em levantar toda a especie de dificuldades aos govêrnos estabelecidos para satisfazer assim cada vez mais as suas ambições de dominio internacional.»

E', sem duvida, uma grande verdade o que aí fica.

O catolicismo eivado, por absoluto, do jesuitismo é hoje por êle dirigido, e tenta apossar-se da suprema direcção de todos os povos.

O jesuita era simplesmente o jesuita, provocando a ruina de muitas fortunas particulares e, no confessionario—na hora extrema—falando sempre do inferno e ameaçando com as penas eternas ageitando-se assim com heranças e conseguindo forçadas doações.

A egreja catolica, pela boca do seu chefe Clemente XIV, como já dissémos, reconheceu que éssa gente era perniciosa não a uma só nação mas á humanidade inteira e decretou a sua abolição declarando impossivel conseguir para éla uma paz sólida e duradoura emquanto existisse tal sociedade.

Pois a egreja que assim falou, está hoje nas mãos dos que reconheceu perigosos inimigos do seu rebanho e das extorsões em exclusivo por êles feitas, partilhando, identificando-se no seu programa e seguindo-os no seu sonho, tão grandioso quanto irrealisavel: dominar o mundo para dêle se apossar.

E para éssa obra terrivel e maldita, concorrem os padres na fronteira e na paroquia, os iludidos filhos do povo, atentando contra o regimen de pistola na mão e rosário no seio e tantos quantos, quer usem bentinhos ou executem qualquer processo, defendam consciente ou inconscientemente a falsa, a mentirosa religião que hoje, protegida por principios *ad hoc* estabelecidos em concilios e em enciclicas, pretende apunhalar a liberdade, base principal da sã doutrina onde assenta a verdadeira religião de Cristo.

Am.º muit.º obrig.º

S. J. M.

P. S.—Quando identico anexo a este fizémos na nossa ultima carta estivémos para escrever: se pelo *Correio de Aveiro* foi dada preferencia á carta por a julgarem superior ás *considerações* que pretendiam fazer sobre o caso, e aparece tamanha miseria, que valor não terão as pantagruelicas considerações que ficáram para a semana?

Se tal parecer tivéssemos apresentado escreveriamos uma grande verdade.

Do embroglio, sem nexo, que aparece nêsse jornal, ainda sobre a carta do revd.º padre Guimarães, nada se conclue nem atinge mais do que a evidentissima prova da pequenez microscopica intelectual do seu autor aliada ao mais completo desconhecimento de quanto se prenda com o assunto sob o ponto de vista canonico, civil e de direito.

Como complemento do que escrevemos, para aqui trasladâmos só um periodo original da referida resposta:

O jornalista póde alugar a sua penna mas vender as suas crenças religiosas é o mesmo que entregar a alma ao diabo.

Velai as faces—ó *manes* de Jaime José e Rosalino Candido! Todos vós sois menos que zéro deante disto!

S. J. M.

Abalo de terra

Fez-se sentir na segunda-feira de madrugada, nésta cidade, um ligeiro abalo sismico que, pela leitura dos jornaes, vimos ter tido repercussão em diferentes localidades do país á excéção de Lisbóa.

Não produziu quaesquer desastres pessoaes ou mesmo materiaes.

Os realistas

Pouco temos a acrescentar hoje ao que dissémos no ultimo numero do *Democrata* sobre a intentona monarquica do dia 21, logo sufocada pelo govêrno, visto como mais nenhum caso de rebelião se deu nas ruas que mereça ser pormenorisado em especial, nem na policia de investigação traspira nada que possa interessar os leitores pelo conhecimento das responsabilidades que a cada preso cabe.

Que continuam as deligencias para apuramento de tudo quanto diga respeito á farça, é, afinal, a noticia que podemos levar aos nossos leitores, se bem que o natural é que assim aconteça. Ha bastantes prisões efectuadas, muito armamento e munições tem sido encontrado nas várias buscas que em Lisboa e Porto se fazem quotidianamente, mas mais nada se póde dizer porque constitue segredo policial.

Moreira de Almeida, que pantificáva no *Dia*, fugiu; Cunha e Costa, raspou-se e Azevedo Coutinho, que teve a audácia de vir do exilio organisar o movimento, deu ás de Vila Diogo, imitando todos, o melhor que podéram, o heroe da Ericeira não fosse ás vezes o Diabo tecel-as...

Todavía, algum *peixe graudo* caíu na rêde... Désta cidade conta-se só o advogado Jaime Silva, que foi detido no Porto e João Machado, que dizem fazia parte do *comité* civil de Lisboa. Ambos se acham ainda a ferros, ninguem podendo dizer com verdade o que ha apurado a seu respeito porque é coisa que não transpira.

Foi-lhes levantada a incomunicabilidade o mesmo acontecendo ao conde de Magualde e respectivo *ajudante* mas apezar disso não pódem falar senão com sentinéla á vista.

De resto, o que ha mais agora são boatos. Boatos que enchem as colunas dos jornaes diários e a que nós não ligâmos crédito tão disparatados alguns se apresentam.

Temos, portanto, de aguardar que a lume venham as conclusões a que as autoridades cheguem o que se torna indispensavel para conhecimento do país que os falsos patriotas querem vêr arrastado só porque êle os não toléra nem consente.

O logar de medico privativo do Asilo

Questão aberta

Tem causado a melhor impressão no público tudo quanto até hoje temos escrito sobre a reintegração do sr. dr. Lourenço Peixinho como medico das duas secções do Asilo Escola-Distrital de que aufére o ordenado anual de 226 escudos, reintegração que provém duma sentença lavrada pelo sr. juiz auditor e que, segundo calculâmos, não hade ser a ultima palavra, muito embora déssa sentença resolvessem não levar recurso para as instancias superiores os atuais gerentes do municipio de Aveiro.

Ainda bem. Ainda bem que comnosco está mais uma vez todo um público que deseja vêr dignificado o regimen republicano por medidas que só o honrem, por actos que o justifiquem e tendam a consolidal-o não se importando com o ir de encontro ao velho sistéma de achar bom o que é máu, de chamar branco ao que é negro, de defender com habilidades o que por sua naturêsa não tem defêsa possivel, como sucéde nêste caso que vimos tratando em beneficio duma instituição de caridade a que se pretende arrancar, sem ser preciso, aos seus parcos recursos, mais 226 escudos que de tanto pódem servir aplicados em coisas uteis de que caréce o Asilo, a avaliar pelo que se diz no relatorio aqui publicado da ex-directora da secção feminina.

Mas ainda ha quem dê os parabens ao sr. dr. Peixinho! Ainda aparece quem, nos tempos que vão correndo, se sinta feliz solidariesando-se com tudo quanto o bom senso reprova e a razão claramente repéle, afasta, desvia. E' a tendencia das creaturas que vivem da bajulação porque doutro modo se não adaptam ao meio social em que marcáram logar. Que lhe havemos de fazer? O mundo compõe-se de tudo e já agora não queremos ter a louca pretenção de o endireitar.

O sr. dr. Lourenço Peixinho sabe bem que não póde existir em nós nenhuma má vontade contra si e que por isso os reparos de *O Democrata* não pódem ser apodádos tambem de vingança pessoal ou politica. Eles são justos. Dita-os a vontade que temos de vêr saneado o ambiente dentro do qual tanta pouca vergonha foi praticáda e que não só aos republicanos deve interessar, mas a toda a gente que seja apologista de obras honestas de administração, isentas de favoritismo, mórmente quando de aí resulte prejuizos como aconteceu com a creação do logar de medico privativo do Asilo.

Dizemos atraz que a Comissão Municipal, atualmente gere os negocios camarários, deliberou não apelar da sentença da auditoría que, por não ter sido cumprida uma formalidade da lei, por sinal de nula importancia, comparada com os 226 escudos, mandava conservar o logar do sr. dr. Lourenço Peixinho e investir nêsse *nicho*, creado expressamente pelos seus amigos, o referido medico aveirense a favor de quem se pronunciou o sr. juiz auditor. E' cérto. Contudo, outro podêr mais alto se levanta que substitue a câmara e reclama justiça perante as instancias superiores e isso nos anima a aventar a hipotese de que alguma vez hade deixar de triunfar a chicana, de que tanto se tem usado e abusado no nosso país, para só se ter em vista o que de direito pertence aos que não julgam ser a rectidão e a honestidade apenas uma palavra vã.

A Comissão Municipal Administrativa de 1910 cumpriu o seu dever. Provou-se e tanto que a esse respeito não têve o sr. juiz auditor nada que objectar.

Agora esperemos pelo resto. Vão ter os nossos leitores ensejo de vêr um trabalho notavel sobre este palpitante assunto, mas para isso temos primeiro que justifical o. E' o que hoje continuamos a fazer, publicando mais tres documentos por onde se infere que não déve ser mantido, por desnecessario, o logar de medico privativo do Asilo com o ordenado de 226 escudos quando o que se torna preciso é fazer economias para prover a outras faltas.

Leia-se com atenção:

Firmino de Vilhena de Almeida Maia, secretário da Câmara Municipal de Aveiro:

Certifico em cumprimento do despacho exarado na petição retro junta e em face dos livros e documentos arquivados nésta Secretaria Municipal. *Primeiro:* Que os medicos municipais que teem tratado as creanças asiladas nas duas secções do Asilo Escola-Distrital de Aveiro, *desde a data da extinção do logar de medico privativo do referido Asilo até hoje*, são os Doutores Manuel Pereira da Cruz e Armando da Cunha. *Segundo:* Que contra esses médicos *não existe* nésta Câmara *reclamação alguma* referente ao modo como êles têm desempenhado os seus serviços quer no dito Asilo, quer fóra dêle. *Terceiro:* Que desde a data da extinção do logar de medico privativo do Asilo Escola *nenhuma* importancia tem sido votada em orçamentos municipais ou *despendida* pelo cofre do municipio *para remuneração dos serviços médicos prestados ás creanças asiladas. Quarto:* Que a primeira Comissão Municipal Administrativa que entrou em exercicio após o dia cinco de Outubro de mil novecentos e dez tomou posse no dia nove do dito mez de Outubro e ano de mil novecentos e dez e esteve gerindo os negocios do municipio até quinze de fevereiro de mil novecentos e onze. E por verdade fiz passar a presente que subscrevo e assino em Aveiro e Secretaria Mnnicipal aos vinte e seis de abril de mil novecentos e treze. E eu Firmino de Vilhena de Almeida Maia, secretário da Câmara a subscrevo e assino.

Firmino de Vilhena de Almeida Maia.

(Segue-se o reconhecimento.)

Ex.mo Sr. Presidente da Comissão Municipal Administrativa do concelho de Aveiro.

André dos Reis, advogado, no interesse désta Ex.ma Comissão Municipal Administrativa, precisa que, com a maior urgencia, lhe seja certificado ou atestado pelos cidadãos directores do Asilo Escola Distrital de Aveiro; 1.º—Quaes os nomes dos medicos que tem tratado das creanças asiladas, nas duas secções do mencionado Asilo, desde a extinção do logar de medico privativo do referido Asilo até á presente data. 2.º—Se contra êsses medicos tem havido alguma reclamação por parte do pessoal dirigente do dito Asilo, ou de qualquer outra pessoa, ou se, pelo contrário, os medicos referidos teem socorrido com solicitude e carinho aquélas creanças sempre que requisitados para êlas os seus serviços clinicos e velado pelo bom tratamento délas. 3.º—Se os mesmos medicos teem fiscalisado o Asilo sob o ponto de vista higienico, e velado pelo bom tratamento das creanças asiladas ainda no estado de saude das mesmas.

Peço a V. Ex.ª deferimento.

O advogado

André dos Reis

Asilo Escola Distrital de Aveiro. Secção Barbosa de Magalhães. Serviço da Republica.

Il.mo e Ex.º Sr. Presidente da Câmara Municipal de Aveiro.

Cumprindo o que V. Ex.ª me determina em oficio sob numero cento e dezenove, de vinte e tres do corrente, tenho a honra de dar as seguintes respostas aos tres quesitos aí apresentados:

Ao primeiro quesito—Depois da extinção do logar de medico privativo do Asilo Escola, os alunos doentes nésta secção teem sido tratados pelos facultativos municipaes Drs. Manuel Pereira da Cruz e Armando Cunha, e especialmente por êste ultimo visto que reside mais perto do Asilo. Ao segundo quesito—Ainda não houve o menor motivo de reclamação contra qualquer falta dêsses ilustres clinicos, que, já nos seus consultórios, já a dentro do Asilo sempre que ha sido solicitada a sua vinda a ésta casa para visitarem algum aluno mais doente, teem socorrido com muito desvelo e carinho os internados déste estabelecimento. Ao terceiro quesito—Não tem havido da parte dêsses medicos fiscalisação ao Asilo sob o ponto de vista higienico, cértamente porque, nas visitas que S. Ex.as teem feito nos alunos doentes, hão de ter tido ensejo de reconhecer que o pessoal dirigente désta casa se esforça por fazer observar escrupulosamente os preceitos higienicos que têm obrigação de conhecer e véla pelo tratamento das creanças a seu cargo com a solicitude e carinho que V. Ex.ª e a Ex.ma Câmara não desconhecem.

Saude e Fraternidade.

Aveiro, 24 de Abril de 1913.

O director da secção

Padre Lourenço da Silva Salgueiro

Ex.mo Sr. Presidente da Câmara Municipal.

Desde que estou nêste Asilo, teem sido os Ex.mos Srs. Drs. Manuel Pereira da Cruz e Armando Cunha os medicos assistentes. Até hoje não tem havido motivo para qualquer reclamação. Tem tratado sempre as creanças com bastante carinho e nunca foram chamados que não viéssem logo prestar os seus serviços.

Sob o ponto de vista higienico da casa e bom tratamento das creanças tambem teem cumprido os seus deveres.

Saude e Fraternidade.

Aveiro, 25 de Abril de 1913.

A Directora da secção

Maria da Piedade da Cunha Serrão Miranda

PELA IMPRENSA

—(*)—

Um aniversário a mais conta o nosso presado coléga *O Benaventense*, que em 1896 começou a publicar-se na vila de Benavente.

Militando no partido republicano, *O Benaventense* póde orgulhar-se de ser um dos jornaes de quem a Republica maior soma de serviços recebeu pela penna dos seus assiduos colaboradores, Neves de Carvalho e dr. Anselmo Xavier, a quem cabe prestar todas as homenagens, que não sabemos regatear, nem devemos, pela sua inquebrantavel fé jámais desmentida nos 17 anos decorridos.

Receba *O Benaventense* as saudações sinceríssimas que lhe envia o *Democrata*, de Aveiro.

=Pelo mesmo motivo queremos cumprimentar tambem o *Noticias de Vila Real*, orgão do *Centro Democratico*, que na semana finda concluiu tres anos de existencia.

Muitas prosperidades.

Portugal no estrangeiro

Impressões dum jórnalista que veio a Lisboa assistir ao congresso do livre pensamento

Reproduzimos, por se nos afigurar digno de ser conhecido dos leitores do Democrata, *o brilhante artigo recentemente publicádo no jornal hespanhol,* El Motin, *onde o seu autor, depois de destacar as impressões que colheu do nosso país, assim fala do regimen que substituiu a bandalheira monarquica:*

«Iamos muito pessimistas pára Portugal. As noticias quotidianas de conspirações no interior, de combinações fantasticas no estrangeiro, de intrigas internacionais dirigidas pela diplomacia alemã, de ameaças de intervenção armada por parte da Espanha, secretamente pactuada em Berlim e inspirada pelo Vaticano, de conluio de jesuitas com sindicalistas para secundarem qualquer projecto revolucionario que tornasse impossivel a vida regular e tranquila da joven Republica, todos esses anuncios e boatos espalhados nas colunas da imprensa espanhola, nos levavam a Portugal na ancia e na tristeza de visitarmos um ente queridissimo rodeado de agonias. Alomar definiu perfeitamente a preocupação que nos acompanhava no titulo do seu recente artigo:—*A Republica martir.*

A surpreza que nos esperava não podia ser-nos mais grata. Desde que entrámos na fronteira portuguêsa, e ao ir atravessando éssa região de formosura crescente e de crescente exuberancia, até chegarmos a Lisboa e percorrermos as suas ruas, a nós mesmos perguntavamos com anciedade:

—Onde está o pessimismo? Onde se encontrarão os reflexos daquélas fatidicas profecias?

Debalde os procurei por toda a parte. Nas aldeias como nas cidades, nos campos como nas vilas, nas grandes avenidas nem nas suas encruzilhadas, nos salões publicos nem nas mais ocultas choças, em parte nenhuma percebe o observador o mais ligeiro sinal de observação organica. Todas as funções sociais se fazem com perfeita normalidade, sem exacerbações e sem fraqueza. Ninguem diria que este povo acaba de sair de uma revolução funda e intensa, que transformou todos os orgãos e toda a vida da nação. A Republica, nascida ha apenas tres anos, actúa nas ideias, nas palavras e nas obras, não como Estado recentemente constituido, mas como ser varonil, robusto e experiente, perfeitamente educado e habituado á vida politica.

—Talvês seja—disse eu comigo—porque a nação portuguêsa esteja adormecida sobre os louros e não dê fé dêsses transtornos que por cima e por baixo a ameaçam, no horizonte intelectual e nas suas proprias entranhas. Será por ignorar a intriga jesuitica que, partida do Vaticano, póde atravessar a Austria e a Alemanha e sublevar a Espanha, para a precipitar no oceano, e mover, com as molas diabolicas do clericalismo, os fócos jesuiticos e anarquicos que vivem latentes no seio da nação?

E sobre isto interroguei diplomatas, paisanos, militares, altos e baixos. Sim, tudo conhecem perfeitamente. Estão na posse de todos os segredos da politica clerical. Conhecem as ambições estrangeiras de uns, as combinações maquiavelicas de outros, as atitudes masculas dos de cá e os calculos astutos dos de lá. Conhecem, somam, combinam tudo sob todas as fórmas possiveis, e sorriem:

—São tudo sonhos de malucos!...

Isto é certo: todos tremem pela Republica Portuguêsa, menos os republicanos portuguêses. Este estado de coisas, esta *Republica martir*, merece bem algumas observações. Esta vida perfeitamente normalizada tem a sua explicação. A Republica é já velha em Portugal. Só ontem foi proclamada; mas vivia de facto, ha tempo, na consciencia do povo português, como havia tempo que néla estava morta a monarquia. Esta destruiu-se com as suas proprias imoralidades, com os seus vicios, com os seus abusos, com os seus erros, com o seu desapego do povo. Tinha-se alheado de Portugal, vivendo na nação com uma corôa pesada e postiça, insensivel aos males da Patria, indiferente ás queixas populares, atenta apenas ao seu interesse e ao dos cortezãos corrutos, fatuos, ignorantes do tempo em que viviam, desdenhosos do porvir que invade a vida; pagos com a força de uns pergaminhos arrancados ás genealogias das gerações passadas; ufanos de exercer nas massas uma influencia deslumbrante com o esplendor de passadas glorias, por detraz das quais o ilustrado olhar do povo lê os crimes e as obscenidades do canalha feliz e do aventureiro com exito.

E, quando veio a derrocada da monarquia, a aristocracia e o clero, que se fiavam na indignação popular e nas iras das massas, encontraram-se com o espectaculo desconsolador que em Barcelona presenciou o jesuita Amador Ruiz, que o descrevia desalentado no seu relato da revolução da Catalunha em 1909:

Todo o povo se agrupava em redor dos conventos em ruinas e do rescaldo dos sacrarios, encolhendo os ombros e dizendo, até mesmo os proprios católicos:

—Realmente, eram de mais os frades, e de mais as freiras.

Era esta a sentença da consciencia da Patria contra o soberano que a oprimia; e isto repetiu-se em Portugal, cujo povo disse, ao vêr sairem os monarcas:

—Isto já era monarquia de mais!

E todo o povo se sentiu satisfeito e contente, como uma familia que tivésse conseguido despedir de casa um hospede incomodo e odioso, que se tivésse arvorado em dono dos proprios que o aturavam.

Por isso a Republica Portuguêsa é firme e inamovivel e está segura de si propria. Ha-de viver, porque na consciencia nacional morreu para sempre a monarquia. Morreu na consciencia do povo, extenuado, oprimido e vexado por reis que puzéram a sua autoridade na força do exercito e não no coração dos vassalos, que é o unico trôno solido e honrado. Morreu na consciencia do exercito, que se envergonhou do honroso papel que a monarquia lhe tinha distribuido, de encubridor da imoralidade e esteio da impunidade dos delictos monarquicos. Morreu até na consciencia do clero são e honesto, que compreendeu que haviam feito dêle instrumento da mais vil e infame opressão, obrigando-o a manter sobre o povo português o simulacro de uma autoridade moral, religiosa e cristã, que o sacerdote ilustrado via ser condenatoria dos de cima e anátema do proprio soberano que a prostituia.

A Republica vive por isto: porque a monarquia morreu. E por isso viverá, pois a monarquia não póde ressuscitar. Morreu por dissolução e não por traumatismo. Do seu corpo não ficaram pele, nem carne, nem ossos: estava tudo pôdre e desconjuntado, diluido no exigenio que está carbonizando os ultimos residuos. A monarquia não foi propriamente vencida ou desterrada pelos inimigos: devorou-se a si propria. O rei foi um suicida. A familia real e a côrte devoraram um dia a sua dignidade, noutro dia o seu prestigio, no dia seguinte a sua vergonha, depois a sua moral e, por fim, a sua seriedade. E chegou o momento em que o povo notificou á monarquia a impossibilidade de a aturar. O rei chamou o exercito e este disse-lhe:

—Basta! O exercito é o defensor da Patria e da sua honra; não póde defender a sua desonra!

E aí tendes o soldado português cruzando as ruas, não com o gesto de servidor de um rei de procedimento duvidoso ou de lacaio da côrte. Não, não é um instrumento automatico e inconsciente. Ao passarem pelas ruas, o oficial como o simples soldado, teem o rosto iluminado pela perfeita consciencia, brilhando no seu conjunto fisionomico a alma da patria, da justiça e da honra, orgulhoso de si mesmo, dizendo, altivamente, aos povos estrangeiros:

—Não sou o servidor inconsciente de um soberano desconhecido. Sou a sentinela e o defensor da Liberdade, da Fraternidade e da Egualdade, representadas na minha Patria e no concerto mundial pela Republica Portuguêsa. Sou o povo que se defende a si mesmo. O meu uniforme não é uma libré: é uma afirmação do Direito e o simbolo da vontade da nação, que proclamou a justiça sobre o rei que jurou honrá-la e que a desonrou; que jurou servi-la e só se serviu déla para seu serviço; que jurou glorificá-la e a prostituiu conforme os seus caprichos e os seus vicios.

O exercito do rei? Desapareceu. Retirou-se com a monarquia levando os seus milhões, os seus pergaminhos e as suas responsabilidades. Contra êle está em armas o exercito da Patria. Contra éssa consciencia nacional o que póde a intervenção do Vaticano? Absolutamente nada. Os que quizérem intervir teem dois vetos: o das nações que impediriam qualquer intervenção e o dos estrangeiros que nos respectivos países se levantariam contra os seus proprios govêrnos no dia em que estes cometessem a insensatez de defender a deshonra de uma monarquia que se deshonrou a si propria. O povo português sabe isso e, por tal motivo, classifica de loucuras os sonhos dos reaccionarios. Ao saír a fronteira o excursionista trás esta impressão: a Republica de Portugal é indestrutivel.

S. Pey Ordeix

Assaltos

Ha pouco tempo, atrevidos gatunos assaltaram duas vezes, com poucos dias de intervalo o kiosque que fica junto do mercado do Côjo e que é propriedade duma infeliz mulher, viuva, rodeada de filhos, alguns dêles céguinhos, para cumulo da sua desdita e da pobre mãe.

Na madrugada da ultima quarta-feira, o guarda civil n.º 25, Samsão Bandarra, seriam 3, 30 da madrugada, dirigia-se para a Costeira quando, para dar passagem a uns carros, se aproxima do kiosque que fica no Largo Luís Cipriano e ouviu rumor dentro. Reparando viu que a porta estava aberta e dentro alguem, o que lhe fez perguntar quem era. Responderam-lhe que o dono, mas logo calculou que quem assim se arvorava em proprietario do estabelecimento não podia estar descalço. Ia para verificar a sua identidade quando de dentro surgiu um braço empunhando um revólver, sendo este acompanhado da seguinte exclamação:—*se me prende estoiro-lhe a cabeça!* Em vista de tal atitude tomou o guarda as suas precauções, e fiel o respectivo alarme, na presença de várias pessoas e mais guardas realisou-se então a captura do gatuno que se chama José Lopes da Silva, e é natural de Vila Cova, concelho de Felgueiras, a quem além da arma exibida, ainda foram apreendidas uma navalha e quatro gazúas de diversos tamanhos.

O gatuno já tinha feito o roubo no kiosque onde foi surpreendido quando para segunda *limpeza* ali voltou.

Foi coadjuvado na operação por Germano Martins da Silva, aqui muito conhecido por ter ultimamente sido empregado, como cocheiro, na condução de mercadorias da casa Maia, Martins & C.ª, largando o Germano com a maxima velocidade quando viu o sócio embrulhado, não lhe dificultando a marcha cêrca de 9 kilos de tabaco já roubados, e que o proprietario do kiosque, sr. Valeriano Simões de Lemos, avalia em sessenta escudos.

Por declarações do preso sabe-se que os assaltantes na dupla tentativa, a primoira com exito, ao outro kiosque, fôram o referido Germano Martins da Silva em sociedade com outro *malandrim* de quem aquêle apenas sabe que é conhecido pelo *perninhas*.

E' digno de louvor o serviço do guarda 25 assim como os esforços empregados para serem devidamente capturados os outros dois perigosos malfeitores e aprendido o roubo, que representa para o sr. Valeriano um enorme prejuizo financeiro, que muito sentimos.

Ultramar

—=(*)=—

Aos nossos presados assinantes da Africa, Brazil, Congo, etc., a quem pelo correio nos dirigimos enviando-lhes nota dos seus débitos, roga a administração do *Democrata* **a finêsa de os mandarem satisfazer pela via que melhor lhes convier cérta, como está, de que todos assim procederão atenta a sua comprovada honestidade.**

E aceitem por isso o nosso antecipado reconhecimento

Escola Nacional

Com a ultado numero de alunos abriu já este estabelecimento de ensino de que é atual proprietario e director o sr. Joaquim da Encarnação e Souza e cuja fundação data de 1869.

Estabelecida no Palacio da Anunciada, em Lisboa, a *Escola Nacional* é daquélas que tomam logar entre as primeiras casas do seu genero pois ali se encontra a par dum pessoal de ensino competentissimo o indispensavel para prover a todas as regras da moderna educação, quer a encarêmos sob o ponto de vista moral quer ainda sob o ponto de vista fisico, como o atestam todos os alunos que por éla tem passado.

Aos nossos leitores do sul recomendâmos, pois, a *Escola Nacional* de Lisboa cértos de que um bom serviço prestâmos aos que tivérem filhos ou parentes para educar.

TEMPORAES

Não ha que vêr: o inverno antecipou-se. Prova-o a chuva que nêstes 15 dias tem caído sacudida por fortes ventanias e ainda o frio que se tem sentido, principalmente á noite, em que a temperatura baixa sensivelmente.

Os campos acham-se todos alagados e o volume das aguas da ria tem aumentádo tanto que se assim continúa o tempo é fatal, dizem os entendidos, uma grande cheia.

Na praia da Barra o mar avançou de tal maneira que algumas casas foram invadidas pela agua causando-lhe bastantes prejuizos.

Não ha memoria duma coisa assim na época de outôno.

NOTAS DA CARTEIRA

Estivéram em Aveiro os srs. Antonio de Oliveira Figueiredo, de Recardães e José Rodrigues Onofre, de Fermentêlos.

=Faz ámanhã anos o sr. Antonio dos Santos, acreditado negociante em Alcantara, a quem enviâmos parabens.

=Encontra-se no estrangeiro o sr. Mario Duarte.

=Regressou da Serra da Estrela á sua casa de Segadães, o sr. João Santiago.

O SAL

Tem estado em Aveiro ao preço de 50$00 o vagon.

O camaleão

—=(*)=—

Um camaleão, senhor
Que nada de si presume,
Estava mudando a côr
Conforme é de uso e costume.

Passa um homem de bons modos
Que, por correr mil nações,
Conhecia os bichos todos,
Excepto os camaleões.

Pasma ali, detem-se um pouco,
Põe oc'los de curta vista;
E examina o bicharôco
Com olho naturalista.

E diz nêsse tom profundo
Dos insignes pensadores:
—«Quem crêra houvesse no mundo
Animaes de furta-côres!...

Prodigios da mão celéste!...
Que o bicho é raro vejo eu!...
Pois vou já empalmar êste
Para o pôr no meu muzeu!

E o meu amigo Tinoco,
Mais o gran Doutor da Praia
Olharão para o bicharoco
Com olhos d'azagaia!...

Passa um sacrista anafado,
Fina estampa de lapuz,
Que vinha todo apressado
Dos lados da Vera-Cruz;

E interrompendo a carreira
Diz:—«Homem, não seja bajojo!
Eirôses déssa maneira
Encontram-se ali p'ró Cojo!»

Ora agora, o que eu não côlho
Dêste *Ailarú* humorista
E' se êle tinha bom olho,
Ou se era curto de vista.

Bichêsa

POLITICA... ELEIÇOEIRA

A'cêrca do candidato democratico que daqui a quinze dias hade ser proposto ao sufragio pelo circulo de Aveiro, publíca o *Rebate* a seguinte informação désta cidade:

«Reuniu ha dias a comissão distrital democratica para a proposta do candidato do partido ás proximas eleições—tomando parte na reunião um deputado democratico.

Este deputado insistiu junto dos membros da comissão para que indicassem o nome do sr. Cerveira de Albuquerque.

Responderam-lhe que o não fariam, pois o mesmo era que perder a eleição.

Então o sr. deputado garantiu-lhes que tal não sucederia, e como apertassem com êle, muito confidencialmente disse-lhes, que sendo proposto o sr. Cerveira de Albuquerqne, tinha a promessa formal, de que mostrou provas, de que José Luciano, conde de Agueda e dr. Jaime Duarte Silva mandariam nêle votar!

A isso se tinham todos comprometido, se bem que continuassem a ser monarquicos, e sem outra ligação com o partido democratico que não fôsse a eleição do sr. Cerveira de Albuquerque!

A comissão concordou, e lá foi para o Diretorio a proposta do nome do sr. Cerveira de Albuquerque será eleito pelos seus verdadeiros correligionarios: os monarquicos de Anadia e Agueda.

Todos os figurantes monarquicos désta ignobil farça são assaz conhecidos, excepto o sr. dr. Jaime Silva. Este cavalheiro, franquista acerrimo e implacavel inimigo dos republicanos, foi governador civil do célebre ditador em Aveiro, esteve preso durante muito tempo, como conspirador na Penitenciaria de Coimbra. Era chefe de um *complot* a quem foram apreendidas armas, não todas, porque lhe déram tempo para as lançar ao rio.

Foi absolvido no Porto antes dos tribunais marciais.»

Não sabemos o que ha de verdade em tudo quanto ésta transcrição contém. Mas aproximando uma proposta em tempo feita pelo jornal *A Liberdade*, que o *Camaleão* apoiou, em que o nome do sr. Cerveira de Albuquerque era lançado como sendo aquêle cuja escolha *muitos republicanos do circulo de Aveiro aceitavam por ser optimamente vista pelos corpos superiores do partido*, e o que diz a informação do *Rebate*, conjugada ainda com as *démarches* feitas junto do conde de Agueda e de Jaime Silva com o fim de os converter ao democratismo, temos que não era nada de admirar se se confirmasse o que vem no *Rebate*.

O sr. Cerveira de Albuquerque, porém, não se proporá por Aveiro, dizem, escolhendo antes o circulo de Bragança, onde tem garantida a eleição.

Nêsse caso está tudo transtornado só faltando que os *nossos dirigentes* impinjam o nome do sr. Jaime Vilares (?!!!) para completar o quadro.

E não hão-de rir-se os adversários..

Pedimos aos nossos assignantes que nos visem sempre que mudem de residencia afim de que o jornal se não extravie e portanto o não deixem de receber.

Descanço nas pharmacias

Mappa das que se encontram abertas nos dias de domingo abaixo designados:

NOVEMBRO

DIAS	PHARMACIAS
2	MOURA
9	LUZ
16	RIBEIRO
23	ALLA
30	BRITO

O DEMOCRATA

Vende-se em Aveiro nos kiosques *Pereira*, em frente ao Mercado do Côjo e *Valeriano*, Praça Luís Cipriano.

CORRESPONDENCIAS

Pará, 10

Faleceu no Rio de Janeiro, no dia 2 do corrente, o sr. Antonio Lemos, que tanto deu que falar, como redactor de *A Provincia do Pará*, incendiada, bem como a sua residencia, no dia 29 de agosto de 1912.

= Chegou aqui de regresso de Portugal, no dia 7 do corrente, pelas 17 horas, o ilustre cidadão e democrata, sr. dr. Emilio Corrêa do Amaral, acompanhado de sua familia.

A' sua chegada, apezar de não ser muito conhecida, compareceram diversas comissões de algumas sociedades portuguêsas, destacando-se o *Centro Republicano Português*, a *Tuna Luso-Caixeiral*, *Gremio Literario Português*, *Liga Portuguêsa de Repatriação D. Vasco da Gama*, etc.

As nossas bôas vindas.

= Faleceu aqui, no dia 5 do corrente, o sr. Manuel Rodrigues Caetano (Russo) natural de Cacia, donde tinha vindo ácêrca de 40anos.

Deixa viuva e filhos, alguns dos quais ainda menores.

Os nossos pêsames,

= As festas de 5 de Outubro para comemorar a proclamação da Republica Portuguêsa, promovidas pelo *Centro Republicano Português*, auxiliado pela *Liga Portuguêsa de Repatriação, Gremio Literario Português D. Vasco da Gama, Beneficente Portuguêsa, Tuna Luso-Caixeiral*, constaram do seguinte:

Dia 4 pelas 20 horas, grande baile na *Tuna Luso-Caixeiral*, que tinha a sua fachada ornamentada com luzes multicôres, e bem assim todas as outras sociedades.

A's 24 horas, salvas de 21 tiros de canhão reduzido, em diversas partes da cidade. Quatro musicas percorreram a cidade em diversas direcções tocando a *Portuguesa* que era constantemente ovacionada.

Girandolas de fogo ás 6, ás 12 e 18 horas.

O *Centro Republicano* têve uma iluminação nas suas fachadas que foi muitissimo admirada e vista por milhares de pessoas, por ser a que mais efeito até hoje tem produzido aqui.

A inauguração da sua nova sala e a sessão soléne, têve logar ás 19 horas do dia 5 com a assistencia do representante do sr. governador do Estado, duma comissão da Câmara dos deputados, do sr. intendente de Belem, Comissões de diversas sociedades, incluindo a Maçonaria, etc.

Durante o dia, o mesmo *Centro* esteve exposto ao publico, sendo grande a quantidade de pessoas que ali foram.

Das 23 ás 24 horas uma orquesta se fez ouvir num dos pavilhões do Largo da Polvora, que bastante agradou á grande massa de populares que lá se achavam.

Ainda no mesmo dia 5 o sr. Danim Lobo, mui digno vice-consul português nêste Estado, deu recéção das 10 ás 11 horas, aonde compareceram diversas autoridades brazileiras, alguns consules extrangeiros e grande numero de pessoas gradas.

A' entrada do Consulado, achava-se uma banda de musica que tocou por diversas vezes, não só a *Portuguêsa*, como tambem o hino brazileiro.

Não houve nenhuma nota discordante.

C.

Ultima hora

PRISÃO DE MOREIRA DE ALMEIDA E FILHO

Lisboa, 30

Foram hoje presos a bordo do vapor dinamarquês "Texas,, quando se preparavam para saír do continente, o reaccionario Moreira de Almeida, director do jornal "O Dia,, cuja redacção e tipografia foram assaltadas e destruidas depois dos ultimos acontecimentos e seu filho João a quem se atribuem largas responsabilidades no movimento realista do dia 21.

O navio pertence á praça de Copenhague para onde estava pronto a seguir retardando, porém, a saída por causa do máu tempo.

A noticia déstas importantes prisões espalhou-se rapidamente por todos os cantos da cidade onde tem sido muito comentada.

A obra financeira do sr. dr. Afonso Costa

Acaba de ser tornado público o relatorio da gerencia e ano economico findos que acusa um saldo de 167 contos sendo esse trabalho da lavra do ilustre ministro das Finanças sr. dr. Afonso Costa.

Os jornaes de ámanhã devem ocupar-se do importante documento que tanto honra o Partido Republicano Português e em especial o govêrno presidido pelo insigne estadista encarregado da pasta das finanças.

C.

Anuncios